

BB 80/2026

CADÊ O SAMBA?

Crônica de Fred Góes

Há muito tento encontrar uma razão plausível para a literatura brasileira, competente tradutora da nossa cultura, de forma abundante e diversa, ser tão escassa quando o tema é o samba. Surpreende, por ser o gênero musical brasileiro por princípio e excelência, o que canta nossas caras e máscaras, da alegria contagiante ao lamento da dor. É sem dúvida a expressão musical que melhor revela os diferentes ângulos de nossa identidade. O samba não é, os sambas são. São batuque, música, canto, dança, festa, encontro. Tanto se faz acompanhar por uma caixa de fósforo, quanto por uma orquestra sinfônica. Somos um país continente de música, das toadas de boi à rancheira gaúcha, do Oiapoque ao Chuí, muitos ritmos se ouvem. O samba, levado pelas ondas do rádio, porém, chegou aonde até Deus duvida: “prá lá do Rancho Fundo, bem prá lá do fim do mundo”. Só não abunda nas páginas da nossa ficção. E olha que no samba há bunda, senão, é miudinho, rala sola. Quem samba diz no pé, balançando ou não as cadeiras.

Uma possível explicação para essa ausência se dê em função da grandiosa e duradoura distância entre a cultura letrada e a popular urbana, naturalmente, com honrosas exceções como é notável em *Bambambã*, de Orestes Barbosa (1923), ou nas crônicas de João do Rio e de Benjamin Costallat, na relação de Sinhô e Bandeira, antes da década de 1930. Na maioria dos casos, no entanto, apresentam-se os cenários, os ambientes onde se ouvia samba, no lugar dele, propriamente, como tema. Já o carnaval desfila em nossa ficção desde José de Alencar, em meados do século XIX, e segue merecendo atenção até o contemporâneo. Reuni vários exemplos na antologia *Brasil, Mostra a sua Máscara*¹. Na grande maioria dos contos e crônicas, o samba é fundo musical da festa, ela é a protagonista.

Não há samba em África, não vem de lá. É 100% Made in Brazil. Como produto de exportação de ponta, embaixador de nossa cultura no exterior, resulta da fina mistura

¹ GÓES, Fred (Org.). *Brasil, mostra a sua máscara*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

de sonoridades de diferentes origens. Ele é mestiço como nós: “deixa o corpo mole”, “revira os olhinhos”, “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”.

O malandro não é só uma personagem recorrente em seus versos. A malandragem é constitutiva do gênero múltiplo que se diz ser uma infinidade de coisas sem nunca se definir ou desdizer-se. Agregador, comunicativo e democrata, o samba guarda o DNA de Exu e todas as controvérsias cabíveis no espírito humano. Jorge Benjor, quando ainda era Jorge Bem, esclarece este aspecto da malandragem com precisão em *Caramba*, nos versos “se malandro soubesse como é bom ser honesto/ seria honesto só por malandragem”.

Marques Rabelo, autor de *A Estrela Sobe* (1939), foi o primeiro a levar para as páginas literárias o universo do rádio, o meio de comunicação que divulgou nossa música popular por todo o país, fosse por intermédio das repetidoras, fosse por serviços de alto-falante. Pode-se mesmo afirmar que a história do rádio e a da nossa música popular são dissociáveis. O romance citado aborda o desejo ardente das moças das camadas populares em se tornarem cantoras do rádio para ganhar fama e dinheiro.

Nossa constatação está focada na presença do samba no romance, cabe destacar, já que em contos e nas crônicas, especialmente, as especializadas em música popular, o tema é recorrente. Lembro-me, por exemplo, da crônica *Bum Bum Paticumbum Prugurundum* de Carlos Drummond de Andrade, publicada no *Jornal do Brasil*, às vésperas do carnaval de 1982. O poeta previu o samba enredo vencedor daquele ano. O samba que deu título à crônica era um exemplar “metassamba”, um samba autorreferente. A aliteração foi usada, pela primeira vez, por Ismael Silva em entrevista a Sérgio Cabral para explicar a dinâmica percussiva da bateria para fazer a escola evoluir. Drummond, por sua vez, exalta os letristas dos sambas de enredo ao analisar os versos, encerrando a crônica, arrebatado pela onomatopeia. Mesmo neste exemplo, onde o samba é o protagonista do texto, o que leva o poeta a comentar as letras dos sambas é o carnaval.

Há, no entanto, dois romances que, para minha satisfação, de autoria de dois ex-alunos no bacharelado da Faculdade de Letras da UFRJ, que trazem o samba como estandarte temático. *Desde que o Samba é Samba*, de Paulo Lins e *A Extraordinária Zona Norte*, de Alberto Mussa. No primeiro caso, Lins descreve o universo onde o samba “se criou” nos bairros boêmios da área central do Rio de Janeiro, nas primeiras

décadas do século XX, universo de rufiões, malandros e “*compositores*”, figuras recorrentes em nosso cancionário. Estes últimos costumavam comprar as músicas dos compositores de baixa renda, assinando as canções como autores. Eram, geralmente, pessoas do meio musical, cantores consagrados como Francisco Alves. Já no romance de Mussa, de viés policial, marca de sua produção literária, a trama se desenvolve no universo das escolas de samba da zona norte carioca, onde a contravenção é senhora.

Num primeiro momento, cheguei a pensar que a escassez do samba em nossa literatura fosse uma velada forma de preconceito, afinal, como diz o dito popular, quem cala, consente. Porém, refletindo melhor, me dei conta de que, nem mesmo quando a classe média branca abraça o samba, na década de 1930, quando o gênero ganha forma, se singulariza, os escritores se entusiasmam em tratar do tema. Os versos de Noel Rosa ou a voz de Mário Reis não os sensibilizam, os olhos e ouvidos de grande número deles estavam dirigidos para o universo regional. O samba, no entanto, especialmente, o samba de enredo, desde sempre enalteceu os escritores, muitas obras literárias se popularizaram ao serem cantadas na avenida. Mais que tudo, o samba enredo tornou-se um precioso veículo de divulgação de nossa história e das nossas histórias, sobretudo, da História que não está em nossos livros.

Fred Góes é carioca, nascido em 3 de fevereiro de 1948. É compositor, contista, ensaísta e professor-doutor de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. É membro do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro desde 1999. Entre 2003 e 2004, realizou seu pós-doutorado em Ciências Humanas, com bolsa da Fundação Rockefeller, junto ao Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade de Tulane, EUA. É pesquisador do CNPq e líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos Carnavalescos. Tem várias letras gravadas por destacados intérpretes da música popular brasileira. É autor de inúmeros ensaios publicados em livros e periódicos especializados no Brasil e no exterior.